

## A HORA DA CIÊNCIA

QUEM ESCREVE

Buscar neste blog



COVID-19

# Enquanto a vacina não vem

Por **Patricia Rocco** • 05/06/2020 • 04:30



Pesquisadores do Instituto de Pesquisa em Microbiologia da Universidade de Minnesota, nos EUA, estudam medicamento para Covid-19 |

REUTERS/Craig Lassig

Chegamos a cinco meses da pandemia causada pelo novo coronavírus, e a tão

aguardada vacina ainda não está disponível. Sabemos que elas estão sendo testadas, mas todos queremos uma resposta definitiva, para que possamos sair desse isolamento com segurança.

Enquanto isso, diversos estudos clínicos vêm sendo realizados, com o objetivo de atuar na replicação do vírus, na resposta inflamatória local e sistêmica, em distúrbios de coagulação e, mais recentemente, na fibrose pulmonar.

Antivirais como o lopinavir e o ritonavir não resultaram em respostas positivas. A cloroquina e a hidroxicloroquina, que apresentam atividade antiviral impedindo a entrada do vírus dentro da célula, além de atenuar a inflamação, tiveram seu uso descartado em meio a discussões científicas, políticas e, até mesmo, econômicas. Medicamentos como a nitazoxanida e a ivermectina vêm sendo testados em pacientes com Covid-19, seja na fase precoce ou naqueles com pneumonia. A terapia com remdesivir, medicação que impede a multiplicação viral, foi aprovada pelo Food and Drug Administration (FDA) na Covid-19 em caráter emergencial, mesmo após resultados incompletos e sem revisão de especialistas independentes. Mais recentemente, o plasma de pacientes curados foi capaz de reduzir a carga viral; mas perduram dúvidas acerca dessa terapia.

Concomitantemente a essa fase de replicação viral, há a fase inflamatória, que se inicia localmente (no pulmão) e pode atingir os diversos órgãos, como o rim, fígado, intestino, coração e cérebro, além de afetar a coagulação. Nesse contexto, vários anti-inflamatórios vêm sendo estudados, como o corticosteroide, inibidores de mediadores inflamatórios ou de seus receptores (tocilizumab, receptor de interleucina-6, e anakinra, receptor de interleucina 1), sendo que os dois últimos estão associados ao risco de superinfecção bacteriana. As células mesenquimais estromais podem vir a ser uma opção terapêutica, já que atuam reduzindo a resposta inflamatória, promovem reparo do epitélio lesado pelo vírus, e diminuem o risco de fibrose pulmonar.

Por fim, os distúrbios de coagulação devem ser prevenidos e tratados em pacientes com Covid-19. Após a descrição dos diversos estudos clínicos que vêm sendo realizados no Brasil e no mundo, em diferentes fases da doença (mais de

20 mil artigos publicados), infelizmente, até o momento, não há consenso acerca da eficácia de nenhuma estratégia terapêutica na Covid-19.

Como cientista, trabalho com fatos, estudos clínicos prospectivos, randomizados, duplo cegos (estudos onde nem o paciente nem o médico sabem o que está sendo utilizado), placebo-controlado, e não com opiniões de

especialistas. Precisamos entender não somente o melhor medicamento, mas a melhor dose e momento da doença para ser utilizado.

Nós cientistas jamais desistimos, mesmo sendo difícil manter a esperança. Confie. O amanhã será melhor.

Compartilhe:



COMENTE

## LEIA TAMBÉM

**Novo coronavírus é uma metralhadora giratória**



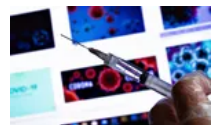
**A busca de saídas em meio à pandemia**



**Efeito placebo é coisa da cabeça?**



**Quando a vacina chegar, quem deverá ser priorizado?**



## OUTRAS PÁGINAS

**Ciência & Matemática**

Caso INPE: demissões não alteram a realidade do desmatamento